

MEMORIAL

A procura de um terreno para abrigar um centro cultural com uma grande sala de apresentações como principal item do programa foi, desde de o início, pautada por um estudo urbano a fim de identificar áreas no município de São Paulo carentes deste tipo de equipamento. O desejo de encontrar um terreno na região periférica, onde esta demanda é evidente, guiou os estudos preliminares ao projeto. Desta forma, foram identificadas três subprefeituras da capital paulista que ainda não possuem centros culturais: Butantã, M'boi Mirim e São Miguel. Dentre elas, São Miguel foi escolhida pelo fato das outras duas regiões já possuírem projetos com este tema encaminhados.

Foram escolhidos dois terrenos próximos ao córrego Itaquera e ao terminal de ônibus de ônibus São Miguel, adjacente à linha de trem número 12 da CPTM. Essa escolha se deu pelo aspecto ambiental, pois a proximidade ao rio podia gerar uma maior familiaridade e consciência com relação à manutenção deste corpo hídrico e pelo aspecto logístico, uma vez que os equipamentos de transporte facilitariam o acesso ao centro cultural, principalmente àqueles que moram na Zona Leste da cidade de São Paulo.

Uma vez escolhida a região, começaram os estudos sobre ela, e uma das bases de estudo foi o livro “A política dos outros”, de Tereza Caldeira. Caldeira explica de forma direta a realidade sócio espacial onde São Miguel se insere.

“Nos últimos anos, a periferia tornou-se algo importante. Pouco a pouco a palavra foi adquirindo novos sentidos e hoje é a moeda corrente em conversas de políticos, programas de partidos, nos planos de governo, em discursos de militantes de base e, como não poderia deixar de ser, nas análises dos cientistas sociais. De tão usada, transformou-se em uma espécie de moda. E como talvez aconteça com toda moda, a difusão acabou por lhe retirar conteúdo: ‘periferia’ quer dizer muita coisa e, ao mesmo tempo, não serve para explicar quase nada.

A palavra é usada para designar os limites, as franjas da cidade, talvez em substituição a expressões mais antigas, como ‘subúrbio’. Mas sua preferência não é apenas geográfica: além de indicar distância, aponta para aquilo que é precário, carente,

desprivilegiado em termos de serviços públicos e infraestrutura urbana. ”

A autora ainda comenta como a vida dos moradores de São Miguel neste contexto periférico.

“Ao descrever o bairro de São Miguel Paulista e as condições de uma vida de seus moradores, fomos aos poucos vendo como se manifesta a segregação espacial na cidade de São Paulo. De fato, São Miguel é o exemplo claro desse processo de urbanização que joga para longe, para onde não chegaram os melhoramentos urbanos, a população trabalhadora mais pobre e carente, que aí fica abandonada. No entanto, o processo de segregação espacial não se esgota em si mesmo, mas tem um efeito cumulativo. Forma-se um círculo vicioso do qual fazem parte, por um lado, a ausência de equipamentos básicos de infraestrutura e de serviços públicos no bairro e, por outro, as características da vida e do trabalho de seus moradores. Todos os elementos que entram no circuito acabam reforçando-se mutuamente no sentido de agravar as condições de vida dos trabalhadores mais pobres da cidade. Assim, se para sobreviver eles são obrigados a estender sua jornada de trabalho, a colocar seus filhos menores na força de trabalho, a viver em habitações precárias e a morar em São Miguel, o fato de aí viverem repercute sobre suas condições de vida – aumento do tempo em transporte, condições precárias de saneamento, dificuldade para obtenção de serviços, etc. -, deteriorando-as progressivamente. Em suma, a cidade está estruturada de uma maneira tal que destina aos trabalhadores de baixa renda não apenas o pior espaço, mas a pior qualidade de vida. Não é uma cidade feita para pobres. ”

Diante desta perspectiva, o principal objetivo deste centro cultural é gerar um espaço libertário, capaz de trazer a esta população o que lhe é negada todos os dias: a oportunidade de gozo através da cultura, da educação e do lúdico. Os espaços produzidos são amplos, abertos e se confundem com os fluxos cotidianos, pois uma passarela praticamente invade espaços de exposição, convívio e encontro. Essa passarela soluciona o problema de transposição sobre a linha férrea e convida o transeunte a entrar em contato com a programação do centro.

Os programas principais foram divididos em dois grandes volumes que se elevam e criam espaços livres sob eles. Diante de uma

urbanidade onde os poucos espaços livres são resíduos da propriedade privada e do leito carroçável, essa solução generosa se alia à estrutura leve de aço que permite grandes vãos e balanços sobre poucos pontos de apoio. Os volumes têm sua estrutura resolvida por treliças com grande altura estrutural capazes de sustentar os pavimentos internos a ele e ainda montantes que sustentam pisos acima.

O volume mais próximo à linha férrea, onde ficam as áreas expositivas, sala de convenções, café, biblioteca e administração, tem a estabilidade lateral garantida por um núcleo estrutural rígido, que abriga ainda a circulação vertical e um grande átrio de recepção com iluminação zenital. Sob o edifício, o vazio é destinado a pequenos volumes destinados ao comércio local.

O outro volume principal abriga o grande teatro e se apoia sob outros dois blocos, onde estão os auditórios menores, um de cada lado de uma praça. Sua forma evidencia o seu uso, com sua face inferior inclinada é conformada pela sua plateia. A estabilidade lateral é garantida por ligações rígidas nos pórticos transversais, pela treliça transversal e pelas vigas transversais da fachada.

Os volumes são revestidos por uma pele de chapa perfurada que permite a interação entre quem está dentro e fora do centro cultural. Além disso, esse fechamento translúcido transforma o edifício em uma lanterna urbana à noite.

Todos esses volumes são ligados por uma passarela estruturada por duas vigas de seção I de altura variável, simplesmente apoiadas nos pilares de concreto. Essas vigas são revestidas por chapas, assim como o centro cultural, garantindo uma neutralidade formal e uma identidade visual. Essas passarelas geram um percurso que vem desde o terminal de ônibus, passa sobre a linha do trem e pelos volumes do centro cultural próximo ao córrego Itaquera, terminando em um pequeno conjunto de quadras poliesportivas próximo ao edifício estacionamento.